

**Tavira** Lat. *Balsa*; Algarve, \*Portugal. Até há poucos anos, nada se sabia da ocupação antiga de T., cidade localizada no litoral algarvio. Apenas o topónimo Balsa, conhecido pelas fontes clássicas, e grafado em epígrafes e numismas de época rom., e que foi muitas vezes associado ao actual núcleo urbano algarvio, permitia admitir que aí existiria uma ocupação pré-rom. No entanto, a ausência de escavações arqueológicas e de quaisquer vestígios no local favoreceu o esbatimento progressivo dessa hipótese, ao mesmo tempo que ganhava corpo aquela que associava o topónimo à Quinta de Torre d'Ares, de onde eram provenientes, para além de restos imponentes de edifícios rom. e de abundantes materiais, as famosas epígrafes onde estavam registados os povos balsenses. Nos últimos 10 anos, intervenções no terreno, diversificadas espacialmente no centro histórico da cidade, concretamente na colina de Santa Maria, vieram alterar consideravelmente o panorama conhecido, havendo dados em número suficiente para aceitar que o topónimo Balsa pode ter correspondido, num momento inicial, ao sítio localizado na foz do Gilão. De facto, estruturas e materiais arqueológicos da Idade do Ferro foram já reconhecidos, tudo indicando que a ocupação se iniciou durante o século VII a.n.e. e esteve intimamente relacionada com a expansão fen. para o ocidente. Entre as primeiras, deve destacar-se a muralha de casamatas com passadiços, com bons paralelos nas colónias fen. do Mediterrâneo central e ocidental, bem como um conjunto de «poços» aparentemente com funções rituais. Quanto aos espólios, deve referir-se a existência de vasos cerâmicos pintados, com decoração e morfologia or. (*pithoi*, jarros de «boca de seta»), pratos e taças de engobe vermelho, \*ânforas de tipo R1 (10.1.1.1. de Ramon Torres), mas também ovos de avestruz pintados e artefactos de marfim. Muito importante é fragmento cerâmico onde se identificou uma inscrição com caracteres fen. Trata-se de um ostrakon, documento genericamente económico, que demonstra o conhecimento e uso da escrita e alfabeto fen., datado

do século VI a.n.e. No sopé da vertente oeste da mesma colina, foi identificada uma necrópole de incineração em urnas de tipo Cruz del Negro, cujas urnas e os espólios associados, datados do século VII a.n.e., remetem também para o universo medit. A ocupação pré-rom. de T. é também importante no que se costuma designar por período turdetano, tendo a ligação à área de \*Cádiz sido privilegiada, entre a segunda metade do século V e o século III a.n.e. Desta época, datam muitas ânforas do tipo Mañá Pascual A4, com pastas que evidenciam uma origem gaditana, mas também existem exemplares integráveis no tipo B/C de Pellicer, oriundas, muito provavelmente do vale do Guadalquivir. Um pouco inexplicavelmente, T. foi abandonada em torno aos finais do século III a.C.

AA.VV., *Tavira: afirmação do poder e estratégias de ocupação do território*, Lisboa 2003; A.M. Arruda – J. Covaneiro – S. Cavaco, “A necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça (Tavira)”, in *Xelb 8 (Actas do V Encontro de Arqueologia do Algarve)*, Silves 2008, 141-60; M.G. Amadasi Guzzo – J.Á. Zamora López, VO 14, 2008, 231-40.

A.M. Arruda



Tavira. Fragmento cerâmico; inscrição com caracteres fen.  
(Amadasi Guzzo – Zamora López 2008).